

DAVID HUME E AS RELAÇÕES ASSOCIATIVAS: da teoria ao tesouro

Solange Puntel Mostafa*
Denise Viuniski da Nova Cruz**

RESUMO

A construção de tesouros documentários se faz a partir do delineamento da área específica a ser abordada e da coleção de termos que vão compor, em linguagem documentária, os conceitos organizados. Estes termos selecionados deverão ser relacionados hierárquica e associativamente. A literatura brasileira de linguagem documentária aponta a ausência de referencial teórico para as relações associativas necessárias à construção de tesouros documentários, o que contrasta com as bases teóricas já estudadas e bem descritas no que concerne às relações hierárquicas baseadas em Aristóteles. David Hume, filósofo setecentista é um nome a ser reposto quando se estudam as relações entre termos associados. Este trabalho tem o objetivo de revisar os conceitos de David Hume, especificamente os de Relações Naturais e de Relações Filosóficas, definido estas relações e, sob sua égide, propor um exercício de reclassificação das vinte e duas relações entre termos propostas por Cintra et al, no livro Para Entender as Linguagens Documentárias. Este exercício traz uma alternativa teórica para as novas e infinitas associações entre os termos provindos da prática dos mais diversos campos do conhecimento, além de apresentar um teórico esquecido na literatura de linguagem documentária.

Palavras-chave: Linguagem Documentária. David Hume. Relações Associativas

1 INTRODUÇÃO

A literatura de linguagem documentária aponta a falta de base teórica para pensar as relações associativas. Enquanto as relações abstratas ou hierárquicas são tradicionalmente embasadas em Aristóteles na dedução lógica dos silogismos, as associativas não permitem uma relação de termos hierárquica ou absoluta.

Para as relações associativas há que se buscar fundamentação conceitual no Empirismo dos séculos XVII e XVIII porque, como explica Gilles Deleuze, o empirismo não representa uma reação aos conceitos mas também não é uma aderência ao simples vivido “Ao

* USP – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Curso de Ciências da Informação e Documentação, Doutora em Filosofia da Educação

** UNIVALI / SC, Curso de Medicina, Mestre em Educação

contrário, ele [o empirismo] empreende a mais louca criação de conceitos, uma criação jamais vista e maior que todas aquelas de que se ouviu falar”. (DELEUZE, 2006, Prólogo, p.9).

O que é bem estabelecido nas teorias das relações de termos são as relações hierárquicas descritas desde a Grécia antiga. Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.) foi o responsável pelos sistemas de classificação vigentes até o século XVIII. Preocupado em estudar a natureza, o filósofo criou, em paralelo à sua teoria lógica, os quatro predicados: gênero, propriedade, definição e acidente. Estes predicados foram modificados por Porfírio, séculos mais tarde, (232 - 304) quando, utilizando-se dos conceitos de Aristóteles, propôs a ilustração desta lógica classificatória em uma configuração de árvore, consagrada na sua utilização prática.

David Hume contestou os conceitos de Aristóteles na medida em que afirmou não serem as coisas possuidoras, somente, de uma essência. Há que notar que cada coisa é composta de outras coisas. De acordo com Hume, quando formamos a idéia de uma coisa específica, nos deparamos com idéias simples que se juntam para formar uma idéia mais complexa. Ele inovou ao chamar a atenção dos teóricos, saindo das "substâncias" e "propriedades" próprias, para as "relações". Tomando, por exemplo, dois objetos quaisquer, um é mais colorido que outro, um está mais distante de mim, um é menor, outro maior, um mais salgado, outro doce e assim por diante.

Desta maneira, a partir de Aristóteles, as relações hierárquicas são conceituadas como aquelas nas quais há subordinação de conceitos; portanto fazem referência às semelhanças inerentes à própria essência e suas diferenças específicas. De forma que para as espécies colocarem-se como tal, há necessidade de identidade e semelhanças que as coloquem em um mesmo gênero, ao mesmo tempo em que, suas diferenças específicas as separem em espécies, propriamente ditas.

Em contraposição, as relações associativas se fazem a partir da experiência que sempre se dá em um tempo e em um determinado lugar. Estas associações, para Hume podem ser naturais quando se referem às relações inatas à natureza humana ou, filosóficas quando dependem da idéia para serem estabelecidas.

Nas palavras de Hume: “as percepções da mente humana se reduzem a dois gêneros distintos, que chamarei de IMPRESSÕES e IDÉIAS” (HUME, 2009, p.25). As impressões representam as sensações e, as idéias são derivadas daquilo que é dado pela experiência e se constituem por composição, transposição, aumento ou diminuição. Isto significa, para o empirismo inglês, que o homem não cria qualquer idéia, mas, as constroem através dos processos associativos.

Assim, as relações não hierárquicas, em especial as relações associativas só podem ser reconhecidas, e, estabelecidas, segundo Dodebei (2002, p. 95) pelo empirismo, isto é, na prática, pelo conhecimento do campo conceitual. Para ilustrar tal contextualização Cintra et al (2002, p. 55) propõem associar a lista de doenças transmitidas sexualmente com a de doenças por alienação mental incurável através de um motivo comum que associaria tais entidades: por serem motivos médicos juridicamente aceitos para o divórcio. Tal é a especificidade das relações associativas: é preciso de um contexto que as valide pois elas por si só não são suficientes para demonstrar seus elos e associações.

As autoras ainda fazem um comentário importante: “[...] tais relações não podem ser definidas em toda sua extensão”. Assim, quando se trata da associação de idéias em campos específicos do conhecimento, as considerações hierárquicas não dão conta de resolver os problemas impostos pelas experiências do vivido. Como associar, por exemplo, múltiplos e diferentes fatores de risco às doenças sexualmente transmissíveis? Na prática, como associar profissões de risco e contaminação com o vírus HIV: Prostitutas, motoristas de caminhão, cirurgiões e marinheiros... Todos relacionados por critérios abstratos ou hierárquicos?

Assim, para dar conta destas relações não hierárquicas, no mesmo texto citado acima, são apresentados vinte e dois tipos de relações associativas, tais como: atribuição, disciplina e fenômenos estudados, processo e agente ou instrumento; relação de influência; matéria-prima/produto, coisa/aplicação; ação/resultado da ação, etc. (CINTRA et al, 2002, p. 64-65).

É de se notar a ausência de David Hume como embasamento teórico na literatura de linguagem documentária justamente no item da associação de idéias, pois esta representa uma das maiores contribuições do empirismo inglês. Desta forma, esse trabalho objetiva repor parte das idéias de Hume sobre a associação de idéias e apresentar um exercício de relação de termos, utilizando-se dos conceitos expostos.

2 O EMPIRISMO INGLÊS NA VISÃO DE GILLES DELEUZE

O filósofo inglês John Locke, (1632 -1704), anteriormente à Hume, talvez tenha sido ingênuo, ao propor a metáfora da *tabula rasa* para o processo da aquisição do conhecimento. Entretanto, foi Locke quem abriu toda uma possibilidade para os pensamentos filosóficos que seguiram-no. Todas as multiplicidades se fazem possíveis através da construção do pensamento a partir da experiência.

Hume (1711-1776) foi adiante de Locke, explicando como o espírito devém sujeito. O filósofo escocês se preocupa em demonstrar como, através do dado, da coleção de idéias associadas, usando sua crença e a invenção, a inferência e o artifício, o sujeito se constitui no

dado e mais, ultrapassa o experimentado. Com Hume, o homem cria mais do que percebe, devém natureza! E ainda, pelas circunstâncias, pelos interesses, pelos desejos e necessidades cria, inventa, escolhe, normatiza o mundo que o cerca. Para os empiristas modernos a mente é como que uma espécie de receptáculo no qual se gravam as “impressões” do mundo externo.

Detalhemos um pouco mais o empirismo de Hume, lido por Deleuze: “O empirismo parte dessa experiência de uma coleção, de uma sucessão movimentada de percepções distintas” (DELEUZE, 2001, p. 95). A preocupação de Deleuze, ao ler Hume é justamente, responder como, no Empirismo, se constrói o sujeito. Assim, “o sujeito se define por e como um movimento, movimento de desenvolver-se a si mesmo” (DELEUZE, 2001, p. 93)

Então, não é por simples coleção de idéias em uma suposta tabula rasa. Nem por simples associação destas idéias. Deleuze fala em um duplo movimento para que o espírito possa devir sujeito: Inferência (crença) e Invenção (artifício). É crendo ou inferindo os dados e, inventando o novo, o diferente, o artifício que o espírito devém sujeito, devém outro. Alguns destaques apontados por Deleuze: “Do dado infiro a existência de outra coisa que não está dada”. “Afirmo mais do que sei”. “Crer é inferir de uma parte da natureza uma outra parte que não está dada” (idem). E inventar é distinguir poderes, é constituir totalidades funcionais, que tampouco estão dados na natureza.

O entendimento é igual ao espírito, e este espírito se torna sujeito quando o que é dado ultrapassa o dado! “Este sujeito que inventa e crê se constitui no dado de tal maneira que ele faz do próprio dado uma síntese, um sistema” (DELEUZE, 2001, p. 94). Um sistema para resolver novos problemas, tudo sempre novo, diferente, em movimento.

Esta é, para Deleuze, a síntese do Empirismo: “[...] A crítica é empírica quando, colocando-se de um ponto de vista puramente imanente [...] quando se pergunta a propósito do sujeito: como se constitui ele no dado? [...] O dado já não é dado a um sujeito; este se constitui no dado” (DELEUZE, 2001, p. 118).

E o dado, o que é dado? É o fluxo do sensível, a tal coleção de impressões e imagens, um conjunto de percepções. De forma poética, Deleuze define o dado como “[...]o movimento, a mudança, sem identidade nem lei” (DELEUZE, 2001, p. 95)

Outra questão importante em Hume e que distingue o empirismo da dedução aristotélica é que, da mesma forma que o sujeito ainda não é sujeito, o objeto também não é o referente certo e seguro, passível de uma representação. A idéia não é a representação de um objeto, mas de uma impressão e esta impressão não é representativa, não é introduzida, mas inata. Devemos então nos bastar com a aparência sensível das coisas sem entrar na busca de sua natureza. Por isto é que Deleuze vai dizer que a filosofia da experiência não é somente

uma crítica da filosofia da substância, mas é também uma crítica da filosofia da natureza.

Resumindo, o empirismo explica a subjetividade: “[...] que da imaginação, de simples coleção, devém uma faculdade; a coleção distribuída devém um sistema. O dado é retomado por e em um movimento que ultrapassa o dado; o espírito devém natureza humana” (DELEUZE, 2001, p. 102)

Seja através da associação de idéias, ou através das circunstâncias que promovem o conteúdo singular da subjetividade, esta será sempre prática. “Que não haja e não possa haver subjetividade teórica vem a ser a proposição fundamental do empirismo”. Que é o mesmo que dizer: “O sujeito se constitui no dado. Somente há, com efeito, sujeito prático” (DELEUZE, 2001, p. 118)

2.1 As Relações Associativas

Iniciemos com o interessante exemplo de Dodebei ao ilustrar o caso das relações associativas: há idéias ou conceitos que aparentemente não tem relação intrínseca qualquer, mas mesmo assim são idéias que associamos pela experiência de vermos a cena em nosso mundo vivido: cachorro e árvore são dois conceitos ou duas idéias deste tipo. Associamos os dois conceitos mas eles não têm relação intrínseca um com o outro.



Figural: Propaganda

Fonte: Pinheiro, C. F. Metodologia de Roland Barthes para análise de imagens IN: Schindwein, L. M.; Pino, A. P. S. (Orgs.) **Estética e pesquisa**. 2006, p. 136.

Essa imagem causa estranheza, pois o cão está numa posição fisiológica improvável, o

que ilustra que a associação que se faz entre cachorro e árvore não é, de forma alguma do tipo gênero/espécie ou de quantidade, qualidade, contigüidade. Se faz necessária uma associação de idéias baseada em um contexto específico, seja ele natural (como na situação fisiológica ilustrada) ou filosófico, mais complexo e específico de um campo do conhecimento em particular .

Uma das riquezas do empirismo inglês é apontar a exterioridade das relações ao considerarmos os termos relacionados. As relações são exteriores aos termos relacionados: nessa compreensão parece estar a riqueza do empirismo inglês. O empirismo não é pois uma teoria das impressões ou uma teoria das sensações, como o ensinado nos manuais de filosofia. Mas muito mais, uma teoria das relações entre as idéias. Toda relação é exterior a seus termos. Hume cita o caso da igualdade. Propriamente falando, a igualdade é uma relação mas não é uma propriedade intrínseca das figuras, nascendo unicamente da comparação que o espírito estabelece entre elas. (HUME apud DELEUZE, 2001, p. 111).

E Deleuze complementa: “o que os objetos contíguos ou distantes de modo algum explicam é que a distância e a contigüidade sejam relações” (Idem). Outro ganho do empirismo inglês é quanto à indivisibilidade das impressões. Segundo o mesmo Deleuze a idéia principal do empirismo inglês, não é aquela dos manuais de filosofia segundo a qual nosso conhecimento nasce da experiência. Isso sem dúvida, mas o principal é que as impressões são idéias indivisíveis. E nisso está o princípio da diferença no empirismo. A relação sempre supõe uma síntese e, essa síntese é, num certo sentido, comandada por “essa circunstância particular pela qual julgamos bom comparar duas idéias” (HUME apud DELEUZE p. 112).

São os princípios de associação dados pela contigüidade, semelhança e causalidade. Mas as relações são um efeito dos princípios de associação. As mesmas idéias simples se agrupam em idéias complexas e por isso, os princípios de associação têm por efeito as idéias complexas: “relações, substâncias e modos, idéias gerais Sob o princípio de associação, as idéias são comparadas, são agrupadas, são evocadas” (Deleuze, 2001, p. 113).

Mas, pergunta Deleuze: Só os princípios de associação já resolveriam os problemas? É certo que os princípios de associação são princípios da natureza humana, são a condição necessária das relações. Mas, sozinha, a associação não explica as relações. Ela só as torna possíveis. Hume denomina relação natural àquilo que a associação explica e, relação filosófica, aquilo que ela não basta para explicar.

Para David Hume a imaginação humana é dotada de uma capacidade de unir, naturalmente as idéias na mente. A esta propriedade inerente e involuntária da imaginação o

filósofo chamou de **Princípios Associativos**. Assim, como explica Souza “o que Hume compreende por relações naturais parece, de fato ser mais bem definido como sinônimo dos próprios princípios de associação de idéias” (SOUZA, 2006, p. 24). As Relações Naturais são, portanto, aquelas com as quais, involuntariamente, a imaginação une as idéias na mente.

Por outro lado, Hume descreve aquelas relações que são feitas de forma voluntária ou arbitrária e que são reunidas na mente mesmo que não haja as qualidades associativas naturais. A esta possibilidade de relacionar idéias, o filósofo nomeou Relações Filosóficas. Estas, diferentes das naturais, são mais apropriadamente chamadas de relações, uma vez que demonstram a capacidade infinita da imaginação humana em executar comparações entre termos e idéias de forma voluntária e livre.

| Relações Naturais | Relações Filosóficas |
|--------------------------|-----------------------------|
| Natural | Arbitrária |
| Associação | Relação |
| Involuntárias | Voluntárias |
| União Natural | Comparação |

Quadro 1. Relações Naturais e Filosóficas para David Hume

Também há que se considerar que as relações naturais são mais fáceis e imediatas, pois é próprio da natureza ser natural, fácil e imediata. Nas mediações, as relações naturais perdem sua força. Já as relações filosóficas são mais complexas e além da semelhança, causalidade e contigüidade espaço-temporal, elas exigem também quantidade ou número, graus de qualidade e contrariedade.

3 NOSSO EXERCÍCIO

Partindo das vinte e duas relações entre termos descritas por Cintra et al, consideradas pelas autoras como exemplos de associação resultante de contigüidade temporal ou espacial, propomos um exercício de composição de novas relações associativas, baseadas nos conceitos de relações naturais e relações filosóficas propostos no empirismo de David Hume.

Tal exercício nos parece útil na medida em que a solução encontrada para relacionar termos, cuja associação advenha da contigüidade no tempo e no espaço, torna as novas e possíveis associações uma tarefa reconhecidamente complexa e pouco prática.

Comumente as relações associativas são apresentadas em forma de lista, relacionando

os termos a suas especificidades. No exemplo modificado de Cintra et al (2002, p.64-66) esta lista apresenta-se da seguinte maneira:

- a) Relação de Atribuição: ECONOMIA / NÍVEL DE ATIVIDADE ECONÔMICA
- b) Disciplina ou campo de estudo/ objetos ou fenômenos estudados: ENTOMOLOGIA / INSETOS
- c) Processo ou operação/ seu agente ou instrumento: CONTROLE DA TEMPERATURA / TERMOSTATOS
- d) Relação de Influência: POLÍTICA MONETÁRIA / INFLAÇÃO
- e) Matéria-prima/ produto: BAUXITA / ALUMÍNIO
- f) Coisa/ aplicação: ABASTECIMENTO DE ÁGUA / IRRIGAÇÃO
- g) Ação/resultado da ação: TECELAGEM / TECIDOS
- h) Causalidade ou causa/ consequência :CRESCIMENTO ECONÔMICO / DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO
- i) Efeito/ causa: FEBRE / INFECÇÃO
- j) Dependência Causal: DOENÇAS PATOGÊNICAS / AGENTES PATOGÊNICOS
- k) Atividade/ agente: TABAGISMO / FUMO
- l) Atividade/ propriedade: CORTE / USINABILIDADE
- m) Atividades complementares: COMPRA / VENDA
- n) Opostos: VIDA / MORTE
- o) Ação/ seu paciente: EXTRADIÇÃO / CRIMINOSOS
- p) Coisa ou atividade/ suas propriedades ou agentes: VENENOS / TOXICIDADE
- q) Coisa/ seu conta-agente: INSETO / INSETICIDAS
- r) Atividade/ produto: TEAR / TECIDO
- s) Pessoas ou coisas/ suas origens BRASILEIROS / BRASIL
- t) Associação implícita: BALANÇO DE PAGAMENTO / COMÉRCIO INTERNACIONAL
- u) Expressões sincategoremáticas/ substantivos nelas incluídos: PEIXES FÓSSEIS / PEIXES
- v) Interfaceta: NÍVEL DE ATIVIDADE ECONÔMICA / POLÍTICA MONETÁRIA

Quadro 2: Relações associativas em forma de lista

Fonte: Modificado de Cintra et al, 2002, p. 64-66.

Uma primeira possibilidade de rerepresentar as relações acima descritas, de acordo com as relações naturais e relações filosóficas descritas por David Hume (2009), é fazer uso do esquema destas relações conforme ilustrado na tabela abaixo.

| Relações Filosóficas | Naturais | Dependem só das Idéias | Dependem dos Fatos |
|----------------------|----------|------------------------|--------------------|
| Semelhança | X | X (intuitivo) | |
| Identidade | | | X (percepção) |

| | | | |
|--|------------------|---------------|----------------|
| Relação de espaço e tempo, proporção quantidade e número | X (contigüidade) | X | X (percepção) |
| Contrariedade | | X (intuitivo) | |
| Causa e efeito | X | | X (raciocínio) |

Quadro 3: Relações naturais e relações filosóficas sugeridas por Hume

Hume assim se expressa: “Existem sete tipos diferentes de relação filosófica: semelhança, identidade, relações de tempo e espaço, proporção de quantidade ou número, graus de qualidade, contrariedade e causalidade” (HUME, 2009, p. 97). Essas relações podem ser divididas, para o filósofo, em duas classes: “as que dependem inteiramente das idéias comparadas e as que podem se transformar sem que haja nenhuma modificação das idéias” (Idem).

A relação de semelhança depende só das idéias, no exemplo humeano do triângulo: “é partindo da idéia de um triângulo que descobrimos a relação de igualdade que existe entre seus três ângulos e dois retos; e essa relação fica invariável enquanto nossa idéia permanece a mesma” (HUME, 2009, P. 103).

Não é por acaso que Hume intitula, no livro I, parte 3, seção 1 do Tratado da Natureza Humana *Do Conhecimento e da Probabilidade*. Logo no início da parte 3, o filósofo trata do Conhecimento, propriamente dito. Explicando as relações que advém unicamente das idéias, enfatiza que estas mesmo que mudem sua ordem ou lugar não alteram suas propriedades de se relacionarem de forma imutável: como os ângulos de um triângulo que independente de suas posições, sempre manterão, matematicamente, relações imutáveis.

Mas as relações de contigüidade dependem só dos fatos; Hume assim as explica: “as relações de contigüidade e distância entre dois objetos podem se alterar por uma mera alteração de seus lugares, sem nenhuma mudança nos próprios objetos ou em suas idéias; e o lugar depende de centenas de acidentes diferentes, que não podem ser previstos pela mente. O mesmo se passa com a identidade e a causalidade” (Idem, p. 97-98).

Das sete relações filosóficas, Hume identifica apenas quatro, que, por dependerem unicamente das idéias, podem ser objetos de conhecimento e certeza. Essas quatro relações são: semelhança, contrariedade, graus de qualidade e proporções de quantidade e número.

Já, a seção 2, do livro 1 do Tratado vai discutir, não mais as certezas do Conhecimento mas, agora, as relações de Probabilidade. Com relação à idéia de causação Hume a entende como derivada de alguma relação entre objetos.

Assim, lançamos mão de um exercício próprio de associação, tal como Hume as conceitua e chegamos à proposição das seguintes relações:

3.1 Relações naturais

De Causa e Efeito:

- Processo ou operação/ seu agente ou instrumento: Iluminação / Lâmpada. Note-se aqui que a relação se dá ao contrário, ou seja, associando o efeito à sua causa, mas, do ponto de vista conceitual, seria uma relação feita naturalmente, imediata e involuntariamente entre perceber o volume aumentado do aparelho de som e o botão do volume.
- Ação / resultado da ação: Tecelagem / Tecidos. É interessante o exercício de colocar em uma mesma relação associativa o riscar do fósforo / fogo e o comando imprimir na tela do computador / impressão do documento. Isto porque Hume descreveu no século XVIII as relações naturais como aquelas feitas imediata e involuntariamente pela imaginação. Consideremos o quanto novas associações desta natureza serão feitas com a assimilação extraordinária de novas tecnologias!
- Causalidade ou causa/ consequência: Crescimento Econômico / Desenvolvimento Econômico
- Efeito/ causa: Febre / Infecção
- Dependência Causal: Doenças / agentes Patogênicos
- Atividade/ agente: Tabagismo / Fumo
- Atividade/ propriedade: Corte / Usinabilidade

De Semelhança

- Atividades complementares: Compra / Venda
- Coisa ou atividade/ suas propriedades ou agentes: Criança Superdotada / Inteligência

De Contigüidade

- Pessoas ou coisas/ suas origens: Contigüidade no espaço: Brasileiros / Brasil

Quadro 4: Relações associativas em forma de lista

Fonte: Modificado de Cintra et al, 2002, p. 64-66.

3.2 Relações filosóficas

De Identidade

- Relação de Atribuição: Economia / Nível de Atividade Econômica
- Disciplina ou campo de estudo/ objetos ou fenômenos estudados: Estética / Beleza
- Ação/ seu paciente: Pesca / Pescado
- Associação implícita: Balanço de Pagamento / Comércio Internacional

De Semelhança

- Coisa ou atividade/ suas propriedades ou agentes: Criança Superdotada / Inteligência
- Interfaceta: Nível de Atividade Econômica / Política Monetária

De Contrariedade

- Opostos: Vida / Morte
- Coisa/ seu conta-agente:Insetos / Inseticidas

De Causa e Efeito

- Coisa ou atividade/ suas propriedades ou agentes: Venenos / Toxicidade. Nessa relação entre termos há que se considerar que as relações de Causa e Efeito podem ser tanto naturais, como as já classificadas acima, quanto filosóficas. Assim, na relação entre venenos e toxicidade, pois quaisquer substâncias podem se tornar tóxicas quando incluídas em um contexto específico, como por exemplo, soda cáustica (produto de limpeza) e ingestão acidental.
- Atividade/ produto: Tear / Tecido

De Qualidade

- Expressões sincategoremáticas/ substantivos nelas incluídos: Peixes Fósseis / Peixes; Flores de Plástico / Flores. Adjetivos que predicam de modo relativo os nomes a que se associam.

De Quantidade

- Relação de Influência: Política Monetária / Inflação

Quadro 5: Relações associativas em forma de lista
 Fonte: Modificado de Cintra et al, 2002, p. 64-66.

4 PARA CONCLUIR

A iniciativa em escrever este trabalho foi trazer às relações associativas um referencial teórico que as fundamentassem. E assim, corrigir uma ausência notável no entendimento das linguagens documentárias. Se as referências à Aristóteles nesta literatura é tão marcante através da teoria do Conceito, o nome de David Hume não poderia estar ausente, uma vez que o Empirismo é a teoria que questiona, após séculos, o essencialismo aristotélico. Dar a Aristóteles o mérito das relações hierárquicas é tão importante quanto reconhecer, no empirismo inglês de Hume, a fundamentação teórica das relações associativas não hierárquicas.

Por fim, o exercício de categorizar as relações de termos consagradas por Cintra et al nos permitiu revisar as Relações Naturais e Filosóficas de Hume, bem como propor uma alternativa teórica para as novas e infinitas associações entre os termos provindos da prática dos mais diversos campos do conhecimento.

Propomos esta reclassificação das relações associativas por entendê-la mais prática e, esperamos, menos complexa. Mas, de forma alguma, absoluta, referencial ou exata, senão vejamos como Gilles Deleuze comenta sua apropriação do empirismo: “Eu faço, refaço e desfaço meus conceitos a partir de um horizonte movente, de um centro sempre descentrado,

de uma periferia sempre deslocada que os repete e os diferencia”. Com esta afirmação o filósofo está abrindo as portas para que novas relações entre termos venham ao encontro das sempre novas necessidades das experiências vividas em específicos campos de conhecimento, em tempos diversos.

DAVID HUME AND THE RELATIONSHIP OF MEMBERSHIP: from theory to the thesaurus

ABSTRACT

The construction of thesaurus documentation is made from limiting a specific subject area and then collecting a set of terms that will compose a, so called, documentary language capable of organizing those terms in concepts. These selected terms are then organized in hierarchical and associative relationships. Brazilian literature on documentary language points out the lack of theoretical framework for associative relationships necessary to build thesauri documentaries, which contrasts with the theoretical bases that have been studied and well described regarding Aristotelian hierarchical relationships. David Hume, the eighteenth century philosopher, is a name to be recalled when studying associative relationship among terms. This paper aims to review the concepts of David Hume, specifically Natural and Philosophical Relations, defining these relations and proposing an exercise of reclassification of the twenty-two relations among terms proposed by Cintra et al, in the book *Para Entender as Linguagens Documentárias*. This exercise provides a theoretical alternative to the endless new association among terms aroused from the practice of many fields of knowledge, bringing out a forgotten theoretician in the literature of documentary language.

Key-words: Documentary Language. David Hume. Associative Relations.

REFERÊNCIAS

CINTRA, A.M.M., et al. **Para entender as linguagens documentárias**. São Paulo: Polis, 2002.

DELEUZE, G. **Empirismo e subjetividade. Ensaio sobre a natureza humana segundo Hume**. São Paulo: 34, 2001.

_____. **Diferença e Repetição**. São Paulo: Graal, 2006.

DODEBEI, V.L.D. **Tesouro: linguagem de representação da memória documentária**. Rio de Janeiro: Interciência, 2002.

HUME, D. **Tratado da Natureza Humana**. São Paulo: Unesp, 2009.

PINHEIRO, C. F. Metodologia de Roland Barthes para análise de imagens. In: Schindwein, L. M.; Pino, A. P. S. (Orgs.) **Estética e pesquisa**. Itajaí: Maria do Cais, 2006.

SOUSA, C. J. **Naturalização das Relações de Causa e Efeito na Filosofia De David Hume**. 89 f., 2006. (Dissertação de Mestrado)-Filosofia do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2006.